



1962
31 DE OUTUBRO
ANO VI
N.º 26

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Os painéis de Nuno Gonçalves

Inúmeras polémicas tem sido suscitadas e alvitram-se várias hipóteses, sem, no entanto, qualquer conclusão categórica ter vindo decifrar «o mistério dos painéis». Sobre a Obra e sobre o Autor permanece um véu de incerteza que provavelmente continuará.

A curiosidade e o interesse levaram muitos homens a estudar a fundo o assunto, defendendo teses, muitas vezes contraditórias. José de Figueiredo em 1910 chega à conclusão de que os painéis incógnitos são os célebres painéis de S. Vicente, pintados por Nuno Gonçalves, do que faz menção Francisco de Holanda.

Rolaram anos sem que nada se modificasse e a opinião deste crítico foi tomada como certa.

Em 1957, no entanto, o problema é repostado por Adriano de Gusmão, que, usando de argumentação pertinente, refuta a tese de José de Figueiredo e afirma que: os painéis em questão não são os de S. Vicente; mas aceita a possibilidade da atribuição a Nuno Gonçalves, sem, no entanto, serem excluídos outros pintores da sua Escola ou oficina, o que se reconhece pelo estilo típico.

As tábuas passam a ser conhecidas simplesmente pelo nome de Painéis da Veneração pois que, na realidade, nada mais se soube sobre a sua identificação. Num conjunto de seis, interdependentes, constituem o políptico seguinte: Painel do Infante, (ao centro), Painel do Arcebispo, Painel dos Frades, Painel dos

Pescadores, Painel dos Cavaleiros e Painel da Relíquia.

No Painel do Infante, de todos os personagens só há uma — a do próprio Infante — tida como verídica, embora Belard da Fonseca, posteriormente, a considere dultativa. Na complexidade do assunto pela falta de documentos confirmativos embrenharam-se vários críticos emitindo cada um uma hipótese. Assim a figura ajoelhada, segundo José de Figueiredo e Henrique Loureiro, representa D. Afonso V. No entanto

(Conclui na 3.ª página)

Ana Nova, Vida Nova

Vem este número do «Arauto» dar sinais de vida do Jornal dos Estudantes e marcar o início de mais um ano de publicação, que já é o sexto, apesar de parecer que foi ainda ontem que o jornal foi fundado.

Ao longo destes cinco anos, a existência do «Arauto» não tem sido muito desafogada nem sob o ponto de vista económico, nem em abundância de colaboração.

Se considerarmos o ano transacto, podemos afirmar que as receitas do «Arauto» foram muito superiores às dos anos anteriores, devido à publicação de páginas de anúncios e a uma intensificação de vendas. No entanto, melhor se teria conseguido se todos os assinantes se tivessem compenetrado de que devem pagar as assinaturas a tempo e horas.

A Ciência e a Felicidade

A evolução da ciência dará ao homem a felicidade que ele procura em todas as actividades da sua vida, felicidade para a qual tende naturalmente, ou será antes uma negação directa dessa mesma felicidade?

Muito se tem pensado já neste problema, muitas respostas tem sido dadas, mas o homem escraviza esse monumento colossal do progresso a arróneas ideias, a falsos planos, a interesses egoístas.

O saber é um bem que eleva o homem e satisfaz a sua curiosidade inteligente. Quanto mais o homem for penetrando os mistérios da

natureza, quanto mais for progredindo na ciência, mais se vai aproximando da Verdade, e portanto da Felicidade. Porque será então que a ciência não foi resposta às inquietações e incertezas do espírito humano? Porque ela, só, é impotente para o conseguir.

Segundo Bertrand Russell, a felicidade depende de elementos exteriores ao homem e de estados psíquicos inerentes à própria natureza humana, como que para estimular os homens a encontrarem eles próprios o caminho feliz da sua existência triunfando da luta com as paixões.

Ora, a ciência poderá proporcionar ao homem alguns elementos exteriores e portanto contribuir para essa felicidade, mas nunca será o seu segredo, como muitos pretendem. O progresso da ciência e da técnica está para a felicidade tal como um cenário para a vivência de uma representação. Ajuda, dá maior brilho, mas é das condições interiores que depende essencialmente a felicidade.

Assim como podem os actores viver o que representam mesmo sem cenários, poderá também o homem ser feliz sem o progresso, embora menos intensamente.

Coloquemos pois as coisas no seu devido lugar e não transformemos os meios em fins. O homem não deve viver para se escravizar ao progresso, mas cultivar a ciência e a técnica para que estas o aproximem de Deus e abrihantem a sua felicidade.

(Conclui na 3.ª página)

A Medicina e o Bem da Humanidade

A Medicina, essa brilhante e bela ciência, contribui em grande parte para a felicidade do homem.

Através dos tempos, têm-se feito maravilhosas descobertas que vieram proporcionar uma maior segurança na conservação e restabelecimento da saúde, confiada à ciência do médico.

Enquanto antigamente certas doenças eram um flagelo para a Humanidade, hoje não passam de pequenas contrariedades sem consequências.

Desde sempre o homem se interessou pela Medicina e esta mesmo que fosse rudimentar e pouco desenvolvida em certos povos da Antiguidade, nunca deixou de ter algo de útil para o género humano.

E' surpreendente esta ideia de que, por meio da medicina uma pessoa prestes a morrer, reage e volta a ter saúde.

—E' inevitável a morte— pensa-se, em dado momento. O médico intervém e o que parecia impossível realiza-se: está salva uma vida.

E muitas vezes ele sacrifica a própria vida pela da-

queles que precisam da sua ajuda.

Sacrifica-se mas fá-lo com gosto, porque é esse o seu dever e quer ser útil à Humanidade, honrando ao mesmo tempo cada vez mais a ciência médica.

Apesar de todo o sacrifício físico, o médico pode conservar o espirito alegre e calmo, porque sente que, pela vontade de Deus, é a causa da vida e saúde de tantos homens. E todos sabem que a Medicina é bela, sublime e digna de todo o apreço. Ser médico é esforçar-se pelo Bem do mundo e não com o mesquinho interesse do seu próprio bem material. E' viver para algo de mais elevado, que dignifica e enobrece. Se a Arte é bela, a Ciência também o é. Ambas nos orientam para Deus, e a Medicina é das ciências em que encontro mais beleza, quando a ela se associa o espirito de sacrifício, pois doutra forma essa beleza desaparece.

Se muito se tem desenvolvido a Medicina, espera-se que se desenvolva ainda mais. Apesar de ter operado verdadeiros prodígios, ainda

continuam a existir doenças que tanto afligem o homem.

O cancro, terrível catástrofe para a pobre Humanidade, ainda terá de ser vencido pela ciência dum valoroso médico.

A mão firme da Providência há-de amparar e guiar alguém que venha a descobrir a causa para tão fonesta calamidade.

(Conclui na 3.ª página)

ARAUTO

Redacção e Administração
Liceu Nacional da Horta

EDITOR
Dr. Tomaz da Rosa

REDACTORES
José A. Aica
Manuel Carrinho

REDACTOR DESPORTIVO
Humberto Amaral

ORIENTADOR GRÁFICO
Carlos Goulart

ADMINISTRADORES
Luís Gonçalves
Luís M. Arruda

Biografia de Chopin

Frederico Francisco Chopin, pianista e compositor de música, foi um génio insuperável no seu tempo.

Nasceu em Zelazowawola, perto de Varsóvia, e morreu em Paris (1810-1849). Era filho de um francês e de uma senhora natural da Polónia. Depois de ter aprendido, de piano e da arte de compor música, tudo quanto lhe podiam ensinar em Varsóvia, partiu para Paris em 1830, no ano da revolução de Julho. Para ele a França foi a pátria da adopção. Neste tempo Paris era um grande centro artístico, e a meta dos grandes músicos. Chopin, trouxe da Polónia a paixão eslava, dos ritmos populares de uma nação especialmente grande no folclore musical. Foi em Paris que aperfeiçoou as qualidades francesas de polimento, de beleza da forma e brilhantismo. Depressa Chopin tornou-se o idolo das salas, com as suas composições para piano (valsas, prelúdios, nocturnos, caprichos, etc.) que são notáveis pela profundidade de sentimento e pela expressão do estilo: muitas delas como a famosa «Marcha Fúnebre», tornaram-se muito conhecidas. Aqui a sua música encontrou o terreno próprio. Quando se sentava ao piano, os seus dedos escorregavam pelas brancas teclas, produzindo sons alegres ou melancólicos, conforme o estado de espirito do pia-

nista. A arte pianística de Chopin, como intérprete, pode adivinhar-se na originalidade sem par das suas composições. Embora tenha inspirações geniais nas sonatas, nas «Baladas» e na fantasia, as pequenas peças e as danças, «Estudos», as valsas, as «Polonaises», as Mazurkas, intruduzidas por ele em França são o mais pessoal e valioso de produção deste grande vulto de criador, um dos maiores da história da música. Podemos dizer que a biografia de Chopin, foi autenticamente a de um artista romântico. Em Paris encontrou na romancista George Sand uma companheira superior. A vida em comum dos dois grandes artistas foi um misto de amor e ódio. Finalmente separaram-se. Chopin doente e atormentado por uma tosse constante, acabou por falecer tuberculoso em outros braços. Também pertenceu ao número dos que não morreram velhos. Não conseguiu atingir os quarenta anos.

Para finalizar, notamos que há um traço comum em toda a sua obra: a novidade e a perfeição da escrita pianística. Chopin desenvolveu com brilho, um fogo de artifício sonoro, uns encadeamentos de acordes a plena mão, que nem Beethoven nem Schubert tinham antes dele.

Lúcia Maria Medina de Ávila

Exposição de Arte Contemporânea

Dentro em breve, será aberta ao público da Horta uma exposição de Arte Portuguesa Contemporânea, nas modalidades de Pintura, Desenho e Gravura, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, com obras da sua colecção.

Os artistas representados na exposição são os seguintes:

PINTURA — ALMADA, Celestino Alves, D'ASSUMPCÃO, Fernando Azevedo, Manuel Bentes, Carlos Botelho, Artur Bual, Flor Campino, Lourdes Castro, António Charrua, Demée, Gonçalo Duarte, José Escada, Estrela Faria, Rui Filipe, DORDIO GOMES, Hogan, Alice Jorge, José Júlio, ABEL MANTA, Jorge Martins, Menez, Clementina de Moura, Eugé-

nia Noronha, Emmerico Nunes, Mário de Oliveira, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, Júlio Resende, Nuno de Siqueira, António Soares, Vespeira, EDUARDO VIANA, João Vieira.

DESENHO — Santiago Areal, JORGE BARRADAS, Fernando Lemos, Bernardo Marques, Mily Possoz, Relógio.

GRAVURA — Fernando Conduto, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro, Bartolomeu dos Santos, Maria Velez.

«Arauto» regozija-se com esta feliz iniciativa que virá dar ao nosso meio uma visão bastante completa do actual panorama artístico nacional e lembra aos leitores que se informem do programa de exposição para não faltarem.

OS PAINÉIS DE NUNO GONÇALVES

(Conclusão da 1.ª página)

José Saraiva interpreta-a como sendo o Infante Santo. A figura feminina possivelmente de uma rainha, é, segundo certos críticos, D. Isabel, esposa de D. Afonso V; outros vêem nela D. Filipa de Lencastre.

Mas atenhamo-nos à figura central. A dificuldade permanece; talvez mesmo estejamos directamente face a face com o «nó do problema», perante aquela imagem a que o pintor deu um cunho de supremacia e onde se encerra a explicação de todas as inúmeras atitudes e expressões circundantes. Novamente multiplicam-se as opiniões, e, repito, todas elas com a lógica mais provável segundo o crítico donde provem.

Anteriormente a José de Figueiredo, Joaquim de Vasconcelos considera a figura central como sendo St.º Eduardo; José Saraiva atribui-lhe a Edentidade de D. Fernando, o Infante Santo, como já dissemos; Henrique Loureiro a da Infanta D. Catarina e Alfredo Leal alvitra ainda a hipótese de ser St.ª Catarina a referida Imagem.

No entanto, de todas, foram mais divulgadas as teorias de José Figueiredo depois posta de parte, e a de José Saraiva como vimos, apologista da tese fernandina.

Posteriormente aparecem-nos António Belard da Fonseca, crítico moderno, que nos seus livros opta por uma interpretação original: põe de parte a tese vicentina e fernandina, e levanta, relativamente à personagem em questão, uma nova hipótese segundo a qual pensa ter sido o (Cardeal D. Jaime segundo filho de D. Pedro) o verdadeiro modelo dessa figura central. Realmente a ideia espontânea, suscitada pela figura, é a de pertencer à família real e de ser clérigo, e conseguiremos reconstituir um pouco, se relacionarmos esta impressão com a ideia de José Saraiva que interpreta a atitude de todos como sendo familiar.

Atrás referimo-nos à unanimidade de opiniões sobre o Infante D. Henrique, dando como certa a teoria, quase geral, de ser este a verdadeira personagem. No entanto, também já o acentuamos, Belard da Fonseca, apresenta outra possibilidade, mais aceitável de acordo com as suas deduções. Segundo ele, não se trata do Infante D. Henrique, mas de D. Pedro, (pai de D. Jaime) ou D. Duarte, o que levanta também suas dificuldades.

Através desta polémica actual, prolonga-se ainda o denso véu que de início

pairava, embora alguma luz se tenha feito sobre o assunto. Passado e presente, «o mistério dos painéis», constitui um facto.

Mas, emancipados dessa curiosidade natural, podemos penetrar no âmago da própria obra, naquilo em que por si próprio, se basta, com a sua linguagem superior e maravilhosa. Admiremos agora, com as nossas faculdades estéticas, esse grande génio português.

Podem distinguir-se propriamente dois planos, no painel central: um, mais íntimo, (acentuo a ideia em atitude familiar) onde as personagens parecem escutar com ar grave e algo enternecido uma leitura respeitada e amada; noutro plano, mais afastado, escutam, igualmente atentos e graves, mas com novos sentimentos de decisão e energia, outros persona-

gens cujas fisionomias lhes dão o aspecto rude da força. Essa dependência, concentrada numa ideia única que todas as figuras revelam em relação àquela que domina o conjunto revestida de dalmática e circundada de auréola de santidade confere ao painel uma flagrante unidade.

Enquanto que, a diversidade de cores, de trajos, fisionomias de compleição, constituem uma unidade surpreendente. Atingiu-se neste políptico o nível máximo entre as obras primas da pintura portuguesa. E pode considerar-se, Nuno Gonçalves, pintor da Corte de D. João V como autor dessa maravilha.

«Unidade na variedade» disse S. Tomás. E o Pintor soube compreender tão bem este elemento constitutivo da essência do Belo.

Adélia Goulart

6.º Ano

A Ciência e a Felicidade

(Conclusão da 1.ª pág.)

Muitos escritores, desiludidos com o progresso, tem-no apontado como impedimento de felicidade. Esta atitude é exagerada e mentirosa e deve-se a esperarem da ciência aquilo que ela não pode dar.

Podemos citar Eça de Queirós que na sua obra de interesse universal «A Cidade e as Serras» apresenta esse Jacinto que, vivendo no estrangeiro rodeado do conforto da técnica, desconhece a felicidade, e vem encontrá-la mais tarde na vida simples do campo, numa aldeia portuguesa, longe das descobertas científicas. Ambas as atitudes mencionadas são viciosas adorando uns e depreciando outros o mesmo progresso.

O homem actualmente parece seguir mais a primeira atitude, vivendo para o progresso, que só lhe dá inquietação. Além de lhe atribuir demasiado valor molda-o por interesses egoístas e, todo aquele que se fixa exclusivamente em si próprio, é fatalmente infeliz.

Por outro lado é muitas vezes a técnica posta ao serviço do mal, que nunca poderá gerar a felicidade.

Vida feliz é a vida moralmente boa, pois é da satisfação interior, da paz da consciência, que nasce a verdadeira felicidade. Mas, tal como num corpo doente é difícil encontrar um espírito bem disposto, assim também num corpo sem condições ambientes de conforto, e que tem de lutar afinçada e ininterruptamente pela subsistência, será difícil encontrar um espírito em condições de felicidade.

Amemos a ciência, mas com critério. Agradeçamos ao progresso que vem libertar o nosso espírito de muitas preocupações de ordem material pondo-o em condições de se voltar e cultivar os valores que verdadeiramente lhe interessam e lhe darão a Felicidade. Mas saibamos usar devidamente esse mesmo progresso.

Manuel J. Carrinho

7.º Ano-F

A medicina e o bem da humanidade

(Conclusão da 2.ª pág.)

Terá já nascido esse inteligente médico que fará tão grande descoberta? Estou convencida que sim, pois em toda a parte, em Portugal e no Estrangelro se trabalha com afinco nesse sentido.

Mas infelizmente, por enquanto, o cancro é considerado incurável. Aqueles que têm a má sorte de ser vítima dessa medonha doença antevêem de certo a morte.

A Medicina, através de continuos e profundos estudos, terminará um dia por eliminar tal desgraça.

Tenho feito talvez afirmações demasiado categóricas ou inúteis e banais, baseando-me apenas no que imagino e sinto sem possuir qualquer experiência. Estou, no entanto, convencida de que, assim como surgiu Pasteur, a par de tantos outros benfeitores da Humanidade, assim também teremos um dia a felicidade de saber que alguma novidade médica triunfará sobre o cancro e outras doenças que hoje ainda afligem terrivelmente os homens.

Adelaide Lourenço

6.º Ano

Futebol de Salão

Começou a disputar-se no dia 17 de Outubro, o 3.º Campeonato da M. P. de Futebol de Salão.

Participaram no Campeonato desta época as equipas do 7.º Ano, 6.º Ano, 5.º Ano e um Misto do 3.º e 4.º Ano.

Na primeira jornada efectuaram-se os seguintes jogos:

7.º Ano-5 — 5.º Ano-1

Árbitro — R. Quaresma

7.º Ano — M. Carrinho (M. Amaral), J. Aica, R. Mesquita, M. Amaral (Carrinho), H. Amaral (Cap.).

5.º Ano — M. Henrique (Cap.), José Paiva, M. da Rosa, M. Loureiro, C. Antero.

Marcadores — R. Mesquita (3) e Mário Amaral (2) pelo 7.º Ano. Miguel Loureiro marcou o tento de honra do 5.º Ano.

Comentário:

Jogo disputado com certo entusiasmo em que foi evidente a superioridade da equipa vencedora, que jamais se viu dominada. O 5.º Ano, apresenta este ano uma equipa bastante mais fraca do que nos anos anteriores.

No capítulo disciplinar há a lamentar a expulsão de Mesquita por 2 minutos.

Arbitragem certa.

6.º Ano-2 — 4.º Ano-1

Árbitro — R. Mesquita

6.º Ano — Eduardo Rocha, A'vila Machado, Amílcar Quaresma (Cap.), Honorato Furtado e Luciano Naia.

4.º Ano — Carlos Machado, Helder Quaresma, Mário Leandro, João Castro e Sérgio Machado (Cap.).

Os golos foram marcados por A. Quaresma e J. Castro (na própria baliza) pelo 6.º Ano, Helder Quaresma marcou pelo 4.º Ano.

Comentário:

Jogo disputado com pouca técnica e muita violência, o que originou as expulsões de H. Quaresma e J. Castro (por 2 minutos) e a M. Leandro, a qual foi definitiva. Há a salientar a maneira como alguns jogadores do 6.º Ano se comportaram, evitando responder ao adversário.

Arbitragem regular.

2.ª JORNADA

6.º Ano-8 — 7.º Ano-4

Árbitro — H. Porto

6.º Ano — E. Rocha, A. Quaresma (Cap.), Honorato, M. Carmo e Aurélio.

7.º Ano — M. Avelino, M. Amaral, R. Mesquita, J. Aica (Cap.), H. Amaral e (Carrinho).

Marcadores: — A. Quaresma (3); Honorato (3); M. Carmo e Aurélio pelo 6.º Ano. J. Aica (2); R. Mesquita e M. Amaral, pelo 7.º Ano.

Comentário:

Jogo interessante de seguir em que foi manifesta a superioridade do 6.º Ano, pelo que o resultado está certo.

A Arbitragem de H. Porto foi boa.

4.º Ano-4 — 5.º Ano-3

Árbitro — Helder Porto.

4.º Ano — Machado, J. Castro, Sérgio (Cap.), H. Quaresma e Jorge Dart (Supl.)

5.º Ano — M. Henriques (cap.), Santana, M. da Rosa, C. Antero, Miguel, (Supl.) Paiva e Magalhães.

Marcadores — H. Quaresma (3) e Sérgio pelo 4.º Ano. M. da Rosa, C. Antero e Miguel pelo 5.º Ano.

Comentário:

Jogo muito movimentado e com o marcador incerto até quase ao findar do encontro — Resultado justo.

3.ª JORNADA

4.º Ano-2 — 7.º Ano-1

Árbitro — A. Quaresma.

4.º Ano — C. Machado, J. Castro (cap.), H. Quaresma, S. Machado e Paulo Luis. Supl. H. Castro.

7.º Ano — M. Avelino, R. Mesquita, M. Amaral, J. Aica (cap.) e H. Amaral.

Marcadores — Paulo Luis pelo 4.º Ano e Mesquita pelo 7.º.

Comentário:

O empate seria o resultado mais certo.

6.º Ano-4 — 5.º Ano-1

Árbitro — M. Carrinho

6.º Ano — E. Rocha, M. Carmo (cap.), Luciano Naia, H. Furtado (Aurélio), A. Quaresma.

5.º Ano — M. Henrique (cap.), M. da Rosa, Santana, C. Antero e H. Faria.

Marcadores — Quaresma (2) e Naia (2) pelo 6.º Ano e Santana pelo 5.º Ano.

Antre Sintra, a mui prezada... A écloga quinhentista que assim começa foi muito apreciada e é uma das melhores obras do género pastoril, escritas em português.

Neste tempo não era raro aparecerem obras sem o nome do autor. Foi o que aconteceu com a Crisfal.

Circulou pois, anónimo este poema bucólico e começaram a ser feitas suposições acerca da sua autoria. Apesar do estilo ser

ASSIM, SIM

Ainda não há um ano, um artigo meu, publicado num jornal citadino, fez levantar certa celeuma à volta do assunto focado. Tratava-se da já famosa «Festa dos Caloiros» e nesse artigo não fiz mais do que criticar a maneira desengraçada como essa brincadeira estava a ser realizada.

Porém, da mesma forma como então critiquei, estou hoje a manifestar pelo menos a minha concordância com a forma como este ano as coisas de passaram: um grupo de alunos do 7.º Ano combinou organizar a «Festa», pediu autorização aos superiores e fez uma brincadeira com graça — primeiro uma *sessão solene* no Ginásio, depois um desfile pela cidade, com cartazes alusivos e sem as pinturas tradicionais, nem os *biqueiros*, nem cantorias impróprias. Outra nota a salientar foi o facto de os organizadores só incluírem na «Festa» os «caloiros» que acedessem a participar nela.

Assim está bem.

J. A.

Comentário:

Resultado que se coaduna com o desenrolar do jogo.

Ao fim da 1.ª volta a classificação é a seguinte:

Cl	Equipe	J	V	E	D	Bolas	P
1.º	6.º Ano	3	3	-	-	14-6	6
2.º	4.º Ano	3	2	-	1	7-6	4
3.º	7.º Ano	3	1	-	2	10-11	2
4.º	5.º Ano	3	-	-	3	5-13	0

MELHORES MARCADORES:

A. Quaresma, 6 golos; R. Mesquita, 5; H. Quaresma, 4; M. Amaral e Honorato, 3.

em parte semelhante ao de Bernardim, e de Cistóvão Falcão ter apresentado muitos erros numa carta dirigida a D. João III, as suposições para este se dirigiram. Foi em atenção ao título (Cristóvão Falcão) e à história amorosa da écloga da qual todos o consideravam protagonista, que lhe foi atribuída a autoria da obra, justificando-se, por influência, a semelhança com o estilo de Bernardim, cujas obras foram de certo lidas por Cristóvão Falcão.

A 1.ª edição da Crisfal publicada em Ferrara em 1554, dava como autor Cristóvão Falcão, e a este foi sempre atribuída até 1908.

Foi neste ano que Delfim Guimarães atribuiu a écloga a Bernardim alegando entre outros argu-

(Conclui na 8.ª página)

Para o Continente

António Soares

A prosseguir os seus estudos na Faculdade de Letras de Coimbra seguiu para o Continente o nosso antigo colega de Redacção, António Alves Soares, que durante alguns anos dedicou o melhor do seu esforço à elaboração do «Arauto».

Paiva Lima

Está em Lisboa, onde tenciona formar-se em Direito, o nosso antigo administrador Manuel José de Paiva Lima, que no último ano lectivo prestou o seu contributo ao nosso jornal.

Costa Nunes

Em Coimbra, onde vai frequentar a Faculdade de Ciências encontra-se o antigo aluno deste Liceu, José Adelino Ferreira da Costa Nunes, que foi durante algum tempo Redactor do «Arauto».

Alberto Borges

Também para Coimbra seguiu o estudante Alberto Eduardo Borges da Rosa, que foi Redactor do nosso jornal, e agora pretende formar-se em Medicina.

A todos, o «Arauto» deseja as melhores felicidades no prosseguimento dos seus estudos.

é o Café
da «Malta»

«Café Volga»

Não esqueça:

Se no Comércio o reclame
é tudo, cá vai um pouco

Os Soares

com mais 1 Auto
Mercedes a gasolina
último modelo, su-
põem satisfazer hoje
melhor que nunca.

telefone 213

Se quer ser bem
atendido e deseja
bons trabalhos
dirija-se à

SAPATARIA
LECOQ

RUA WALTER BENSAÚDE
HORTA

Confie a execução
dos seus
trabalhos fotográficos
à

Foto
Azul

Rua Walter Bensaúde

Precisa de um taxi?

Não hesite

67

5 - Autas - Turismo

Conforto - Rapidez - Segurança

Robbialac

TINTAS para todos
os fins e aplicações

Agentes distribuidores
no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, L.^{da}

João Silva

RÁDIO-TÉCNICO

Reparações em todas as marcas de

Rádios,
Receptores,
Amplificadores de som,
Emissores,
Etc.

Mercearia **Favorita**

Tudo de mercearia,
vinhos,
doçaria
e compotas

Bom artigo

Bom acolhimento

Mais barato

É O LEMA DA FAVORITA

Para o seu automóvel!

SEGMENTOS
DEVES

MAIS DURAÇÃO
RESISTÊNCIA
SEGURANÇA
QUILOMETRAGEM

REPRESENTANTE PARA OS AÇORES

STAND MACHADO
ANGRA DO HEROÍSMO

Informações no Distrito da Horta
José Machado—Foto Jovial

Na Secção de Papelaria da Firma

Manuel Alexandre da Silva
(Herdeiros)

RUA WALTER BENSAÚDE, 10

Encontrará todo o material da
especialidade, bem como
louças finas, brinquedos,
etc.



MATERIAL ESCOLAR



PAPELARIA
DO
CORREIO DA HORTA



NOVOS BRINDES

Milo Nestlé

à sua escolha

ALIMENTO PARA O ESTUDANTE

*Combate o cansaço
Aumenta a capaci-
dade de trabalho*

*Fornece energia pa-
ra todo o dia*

As entregas dos brindes
fazem-se nos escritórios de

**António Pereira do Amaral
& Filhos, Lda.**

apenas com 2 rótulos
pequenos ou 1 grande
de MILO NESTLÉ e

No valor
de cerca de

Esc. 12\$50 . . . 1 almoçadeira 20\$00
Esc. 30\$00 1 estojo de desenho 50\$00
Esc. 40\$00 . . 1 boneca regional 60\$00
Esc. 50\$00 . . 1 bola de futebol 70\$00

à venda em todos os estabelecimentos

AGENTES DISTRITAIS

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

NÃO É RECLAME... É VENDER BARATO!

Sapatos de borracha para Senhora desde	90\$00
Camisas Tricot nylon	150\$00
Sapatos de criança desde	45\$00
Gravatas para homem desde	10\$00
Saias de Terylene desde	220\$00
Conjuntos Ravilan (exclusivo)	220\$00

NÃO DEIXE DE VISITAR A CASA ARRUDA

Baterias Sonnenschein

com BATERIAS SONNENSCHN V. Ex.^a terá
no seu automóvel, melhor luz,
melhor buzina e melhor arranque

6 e 12 Volts de 31 a 200 Amperes

Sempre em depósito no Agente Geral
para os Açores

António Gonçalves da Rosa

Largo da Matriz, 6

HORTA

TELEFONE 214

OURIVESARIA E RELOJOARIA

Olimpia

HORTA-FAIAL

Agente oficial dos relógios

Omega, Tissot, Aureus, Zinal, etc.

Artigos para brindes em ouro e prata

CASA FUNDADA EM 1928

TELEFONE 311

Não hesite...

Dirija os seus passos à

Mercearia Othon Amaral

com o mais completo sortido

de mercearia fina

TELEFONE 139

PHILIPS

APRESENTA

12 MODELOS
TOTALMENTE
TRANSISTORIZADOS

*Grandes facilidades
de pagamento*

Agentes - Oficiais

Francisco J. Campos, L.^{da}

Padaria Açoriana

de José Peixoto de A'vila & C.a

Fabrico e distribuição de pão
Artigos de Mercaria
Vinhos
Cervejaria

Padaria Açoriana

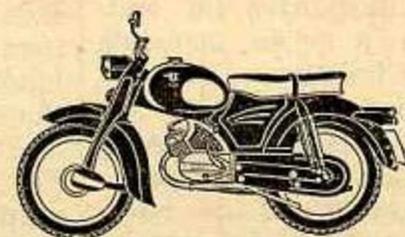
PRAÇA DO INFANTE

ZÜNDAPP

Já chegou a 8.ª remessa de bicicletas motorizadas

Zündapp Falconette Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)
pneus super-balão 21x2.75, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

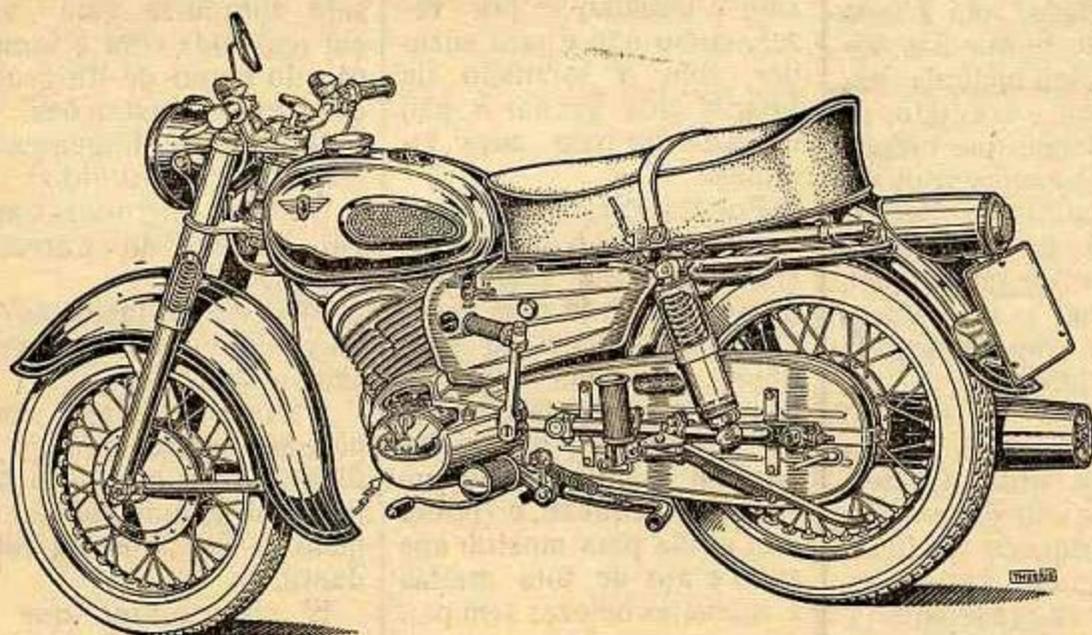
Motociclos

Zündapp

TROPHY - S 175
e TROPHY - S 250
de 175 e 250 cm³

únicos com arranque eléctricos!

Karl-Heinz Grötzner



Sesimbra, vila conquistada aos Mouros no século XII por D. Afonso Henriques, é hoje, como já o é há muito, sem favor, um dos melhores e mais importantes centros piscatórios e turísticos de Portugal.

Agricolamente pobre, tem, porém, no mar a fonte sempre fértil e inesgotável do pão dos seus laboriosos e esforçados filhos que na maioria contribuem «quotidianamente» com o seu esforço, a sua tenacidade e a sua coragem férreas para o engrandecimento da fama já tão grande do bravo e bom pescador português.

Possui três magníficas praias com condições sobremaneira boas para a prática da natação e tem a pouca distância delas riquíssimos bancos piscatórios. Sesimbra cujas condições de recepção e alojamento são esplêndidas, alberga no Verão vários milhares de turistas Belgas, Franceses, Suiços e Portugueses, que aí acorrem não só para se banharem nas suas límpidas e cálidas águas, para percorrerem de barcos as suas águas que oferecem a qualquer amator da pesca desportiva ou submarina a presa merecida do seu trabalho. Os turistas procuram também Sesimbra apenas para repousarem à sombra das suas frondosas matas de eucaliptos onde estão instalados vários e ótimos parques de campismo, ou ainda para gozarem o prazer de saborear, quer num bar típico quer num dos modernos e luxuosos restaurantes e hotéis que possui, um prato da rica e saborosa cozinha regional Sesimbrense.

Terra até há poucos anos desconhecida e ignorada, Sesimbra é hoje, mercê de intensa campanha turística que tanto a tem beneficiado, conhecida não só em Portugal mas também no estrangeiro. A sua fama já é tal que ela teve a honra de recentemente, em 1958, ser o cenário de um dos maiores acontecimentos de pesca submarina —

o Campeonato Mundial de pesca submarina — que viria a torná-la definitivamente conhecida. Por isso desde essa data aí se realizam todos os anos campeonatos nacionais de pesca e natação. E em 1960 aí se efectuaram as provas de pesca e natação dos jogos Luso-

O problema da écloga Crisfal

(Conclusão da 4.ª página)

mentos a incapacidade do autor, até aí reconhecido como verdadeiro, para escrever uma obra de tão grande valor. Começou então uma discussão entre os críticos, o que deu azo a que se estudasse mais profundamente a *Crisfal*, ao procurar em relação às éclogas de Bernardim diferenças e semelhanças, que servissem de argumentos no debate, que ainda não terminou.

Parece estar provada a possibilidade da autoria bernardiana, segundo Costa Marques, no excelente prefácio de uma edição antológica da *Crisfal*. Mas a possibilidade de ser Cristóvão Falcão o autor também tem de ser admitida. E afigura mais provável para muitos esta segunda hipótese. Quando foi publicada a 1.ª edição com a atribuição da autoria a Falcão, os amigos de Bernardim não deviam ter protestado a ver uma obra do defunto escritor atribuída a outro? Além disso quando foram editadas em Évora as obras de Bernardim Ribeiro, não foi incluída nelas a *Crisfal* e contudo os editores diziam que tinham utilizado os manuscritos do poeta. O editor de Ferrara fez-se eco de uma versão que devia de ser o seu fundamento, pois tratava-se de contemporâneos de ambos os poetas.

Mas acima de tudo o que interessa é que a *Crisfal* é uma obra que pela sua beleza no género bucólico, enriquece a Literatura portuguesa. Urge portanto conhecê-la e lembrá-la.

Evelina M. Macedo Barreto
7.º ano a)

—Brasileiros que sucederam a visita a Portugal do Presidente da República Brasileira, Dr. Kubitchek de Oliveira.

Além disto Sesimbra tem ainda uma situação privilegiada em plena Península de Setúbal, a poucos quilómetros desta cidade e doutro importante centro veranil — o Portinho da Arrábida — que, com a sua magnífica praia e o seu clima óptimo, é também muito frequentado por inúmeros turistas. Deste facto resulta intenso movimento automobilístico entre as duas cidades.

Sesimbra, porém, não vive só do turismo, mas sim, e principalmente da pesca. À tarde, quando a maior parte dos barcos regressa da faina, a sua bela e espaçosa baía aparece coalhada de centenas de barcos de todos os tipos e tamanhos. Em pequenas lanchas é transportado para terra o fruto dum trabalho sempre árduo e diário. Espalha-se sobre a areia doirada essa caridosa dádiva do mar. Activa-se o movimento, entre o colorido e o ruído dos homens, mulheres e crianças. É um espectáculo agradável.

Depois da venda do peixe, fazem-se as contas, apuram-se os parcos lucros que se distribuem pela tripulação. Repousa-se. E na madrugada seguinte eis que aqueles bravos pescadores vão novamente para o mar, para com o seu suor e trabalho e por vezes, como não é raro suceder, com o sacrificio da própria vida, ganhar o pão de cada dia para suas famílias.

Por isso Sesimbra, já pelo característico da sua paisagem, já pela amenidade do seu clima, já pela beleza das suas praias, já pelo típico dos seus trajos e usos, merece a visita de todo e qualquer português, que, tal como eu, creio que Portugal pequeno e pobre tem ainda para mostrar aos seus e aos de fora muitas e inúmeras belezas sem par.

João Augusto Mota Marques
6.º Ano

—Já tiveram início as actividades da M. P. do presente ano lectivo, com uma frequência de cerca de 80 filiados do 1.º ciclo e de 30 dos 2.º e 3.º ciclos. O pequeno número de filiados voluntários explica-se pelo facto de este ano estar a funcionar, pela primeira vez na Horta um Centro de Milícia.

—Como nos anos anteriores está a exercer as funções de Director do nosso Centro, o Adjunto Sr. Dr. Tomaz Pereira da Rosa Jr.

—No dia 16 de Outubro, realizou-se no Ginásio do Liceu uma Sessão de cinema, integrada nas actividades culturais do nosso centro. Constatou o programa da exibição do filme português «Frei Luis de Sousa», baseado na célebre obra de Teatro de Almeida Garrett e de alguns documentários de interesse educativo e recreativo. A Delegação na Horta da F. N. A. T., que gentilmente cedeu os filmes, aparelhagem e pessoal, expressamos os nossos agradecimentos, sintetizando o sentir de todos os alunos do Liceu.

MILÍCIA

Era do conhecimento geral, a justa aspiração dos nossos rapazes de possuírem, à semelhança dos Liceus de Angra e Ponta Delgada um Centro Especial de Milícia, centro esse que lhes traria mais tarde várias vantagens. Esse desejo tornou-se este ano em realidade com a formação do corpo de dirigentes e início das instruções.

O corpo de dirigentes ficou assim constituído:

Director - Instrutor - Capitão Manuel de Carvalho Garcia.

Auxiliar de Instrução - 2.º Sargento Fernando Amaral Garcia Dutra.

As instruções têm comparcido grande número de filiados sinal de que a Milícia foi compreendida no meio da nossa massa estudantil.

É com prazer que o «Arauto» regista o acontecimento.

Cada época tem o seu estilo de vida, e por ele mostra a sua mentalidade. Se o estilo revela o Homem, também revela a época, e cada deixa a sua marca inconfundível na vida social, artística e literária e exprime-se através da música, da literatura, na poesia, na prosa e no teatro, da pintura, da escultura e ainda da arquitectura.

Nesta última, a Idade Média criou vários estilos, como o bizantino e na Hispânia a arte visigótica. Mas o românico e o gótico são os mais conhecidos, por mais se haverem generalizado.

O românico é um estilo que tenta imitar a arte dos romanos, esse povo extraordinário que com os gregos elevou a arquitectura a um grande nível. No românico predomina, sobretudo, a figura pesada e severa do templo, simples e com poucos adornos exteriores. Os portais são muitas vezes formados por vários arcos concêntricos, de volta perfeita, em pedra trabalhada. A igreja românica é, em regra, coberta por uma abóbada de berço ou de canhão, que acompanha toda a nave central aos lados da qual notamos naves laterais. No interior da construção, em forma de cruz, vemos as paredes cobertas de pinturas suaves que, conjuntamente com a luz difusa coada pelas raras janelas, dão ao ambiente uma tonalidade especial que nos convida à meditação. Na parte superior das colunas aparecem capitéis com baixos-relêvos. Em Portugal a passagem do românico está bastante assinalada. Lembremos a Sé Velha de Coimbra, as Sés de Lisboa, Porto, Braga, Lamego, as Igrejas de Travanca e Ponte Arcada.

No século XII aparece um novo estilo — o gótico

— que, segundo parece, vai buscar a certos temas germânicos a sua inspiração. Surge primeiramente na França que de templos góticos é rica (catedrais de Ruão. Amiens, Chartres, Reims e outras). Exteriormente o templo é admiravelmente belo, é algo de impressionante que nos leva a levantar os olhos para o Alto devido à grandeza das suas torres em agulha, à profusão e simbolismo de adornos que cobrem a construção e à forma ogival, que aspira à altura, dos arcos dos pórticos e janelas. Nos flancos notam-se os contrafortes com arcos botantes. No frontispício vêem-se lindas estátuas como, por exemplo, a «Sinagoga» da catedral de Estrasburgo, verdadeira maravilha da escultura, e quase sempre, uma grande e bem lavrada rosácea. Da França este estilo passa à Alemanha que, como naquele país, apresenta no interior das catedrais, arcos em ogiva cruzando-se e sustentando a abóbada. Interiores claros consequentes da grande abundância de janelas e vitrais são também uma característica do gótico. Estes vitrais são pintados o que não se verificava nos anteriores que eram em vidros coloridos.

O tempo passou e com ele vieram novos estilos, novas ideias. Mas essas grandiosas catedrais, esses admiráveis testemunhos de vontade e sacrifício, ficaram a perpetuar alguma coisa de extraordinário, de imponente — o gótico medieval.

Em Portugal, temos belos exemplos do gótico no Mosteiro de Alcobaça, na Batalha, no Convento de Cristo em Tomar, entre outros. Nos Açores, a Igreja de S. Sebastião na Terceira.

Maruel Madruga

.7º Ano

CARTA

(Conclusão da 10.ª pág.)

namorei já muitas pequenas; mas agora estou em estágio. Perdoa-me de estar a contar a minha vida bem vês que sou sincero, não sou?

Não sei se estás comprometida mos isto não importa, penso eu? Vou terminar...

Felicidades e boa disposição para responder.

*do teu correspondente
Ruy*

P. S. Desculpa-me o papel.

Perigo na Avenida

Os bebés brincam aos namorados em local de manobras reservado a maiores. Avisamos pois os frequentadores da Avenida a que não deixem os seus territórios serem invadidos por gente que vá estragar a boa fama desse local. Para o efeito damos a seguir uma lista dos elementos perigosos com as devidas características: H. C. aluno do 4.º ano que se costuma fazer acompanhar da menina M. F. S. do 3.º ano e de uma bola para treinos. V. C. aluno do 4.º ano *pe-neirento* acompanhado de uma loira de nome M. F. do 4.º ano.

Com filtro ou sem ele

As famosas *Flausinas*, ex-alunas do nosso Liceu acabam de cometer mais uma proeza que aumenta a sua já vasta fama. E' o caso de terem sido vistas a fumar cigarros sem filtro, o que deveras as faz descer de categoria, pois só costumavam fumar cigarros com filtro.

As loiras também fumam

Sem querer, outro dia, fomos encontrar um parzinho que sem nenhuma maldade se retirara para um lugar mais escondido e que conversava animadamente sobre o fumo.

Dizia ela:

—Não, não gosto de fumar mas parece que é chique na sociedade uma senhora puxar da sua carteira de cigarros.

E qual não foi o nosso espanto, quando tirando ela as mãos de trás das costas lhe vimos um cigarro nos dedos que levou aos lábios com graça. E' caso para dizer:—As loiras também fumam.

N.R.—Omitimos os nomes por julgar necessário pois Fer+Nanda+Taba+Caria não dá reacção química.

REGRESSO

Segundo noticias não confirmadas, o L. do 7.º ano, não está ainda completamente restabelecido da *doença* que o afectava. Resolveu por isso voltar a consultar médico e, segundo as mesmas noticias, tem sentido sensíveis melhoras. De facto os ares do Largo do Infante, e uma boa companhia dão saúde a qualquer infeliz.

ROSA + ROSA =

O último *drama* do dia a dia da nossa *Malta* foi um encontro ao mais alto (ou baixo) nível entre duas flores de géneros semelhantes, de nome, pelo menos. Ele é que não esteve pelos ajustes e resolveu pôr termo ao idílio, porque as *rosas* também tem espinhos.



Espionagem nos (A) "normais"

—J. B. resolveu regressar à vida escolar, mas desta vez *matriculou-se* no Magistério, por se achar velho e cansado para o Liceu. Será que de facto ele quer ser professor, e funcionário do «M. & R.», ao mesmo tempo?

—Seguindo as passadas deste nosso antigo colega, outro ex-aluno da *nossa casa*, decidiu instalar-se no Pico, por intermédio duma *caloira* do Magistério. Acharmos que está a pensar bem, porque, além de estar a preparar uma reunião de dois ordenados, a parte Leste da vizinha ilha é um excelente lugar para exercer a sua profissão de Regente Agrícola.

—Por inconfidência de alguns colegas, soubemos que o L., de S. Jorge, não esteve para andar muito para se *casar* e resolveu o seu caso facilmente: *engatou* uma colega da sua ilha. Outro que pensa no futuro—reunião de dois ordenados.

—Não há palavras que exprimam a nossa admiração pela persistência amorosa daqueles dois pares de alunos do Magistério: o J. e o G., respectivamente do 2.º e 1.º ano, e as suas *noivas*. Será que tencionam escrever um poema como o soneto de Camões, «Sete Anos de Pastor Jacob Servia...»?

—E o Cl.?!? ainda no ano passado fazia certo mistério à volta do seu *romance*. Mas agora que os dois já prepararam um futuro que lhes parece risinho, saíram da *casca* e lá andam todos satisfeitos de par feito por essas ruas da cidade.

—Parece que o R. S. quer assegurar um futuro risonho e feliz. Demais, com a falta de professores que se tem verificado nos últimos anos, não se leva a mal que tenham decidido ir os dois para o Magistério.

— Sempre são mais 1.800\$00, disse-nos ele.

—Uma menina da Escola Normal é uma apaixonada por assuntos relativos à Marinha. Confidenciou-nos outro dia que é a farda de que mais gosta e viajar sempre foi uma tentação para ela. Parece que já anda a visitar a Rádio Naval da Horta e a tomar contacto com a orgânica da dita estação. Não sabemos se aprende a pedir socorro, ou a entender chamadas de emergência.

DON JUAN

Nem queríamos acreditar quando nos contaram a série de aventuras em que o A. esteve envolvido durante as férias grandes, passadas no Pico. E nós a julgarmos que ele era uma *pessoa séria!*

Horizontes mais Largos

Segundo nos consta os alunos universitários, que este ano vieram a férias, tiveram muita aceitação no meio das «Flausinas». Julga-se até que a B. M. «faria» discussão com certos rivais pelo seu amado.

CARTA

O «Arauto» orgulha-se de apresentar aos seus leitores, em rigoroso exclusivo mundial, algumas passagens do texto de uma carta escrita por um aluno do nosso Liceu a uma menina terçoireNSE, por acaso *engatada* com outro *freguês* da *nossa casa*, que a enviou ao seu noivo.

Alô! Alô! daqui fala o Ruy:

Deus queira que esta carta vos encontre bem, que também que Deus me perdoe de estar a abusar da minha inocência de rapaz.

Seguem-se, algumas linhas cheias de erros e em que vírgulas e pontos foram tomar um banho no tinteiro, nas quais o nosso colega pede insistentemente que ela lhe responda e, num acesso de modéstia, se trata repetidas vezes por *estúpido* e *peneirente* e pede perdão da sua ousadia, continuando;

Eu vou descrever o meu retrato. Sou feio, primeiro que tudo estou muito queimado, uso o cabelo curto, roupa preta, sapatos sempre pretos, olhos castanhos, cabelo castanho, sobrance-lhas pretas mas bem pretas, a barba não sei a cor porque não tenho. Tenho 1,71.^m. 62,500 Kg., sou peneirente, sou sincero, tenho 16 anos feitos a 6 de Setembro sou filho único, ando no 4.º ano sou malandro, quer dizer malandro no sentido de estudar não em outras coisas! Malandrice (malandrisse) não sei se é com um (c) ou com 2 (ss). Faço erros, não sou muito amável, gosto de ler, pouco de estudar,

(Conclui na 9.ª pág.)

o CINE MUSEU

orgulha-se de apresentar na sua magnífica sala de espectáculos a super-produção

"Recordar é Viver"

que marca o regresso à vida na corda-bamba dos dois famosos galãs

Fernan Virgily e Paul Yno

verdadeiras relíquias de um passado distante

A completar o programa:

TERROR ENTRE OS NAMORADOS

Impróprio para Caloiros, com menos de 18 anos de idade

EM FAMÍLIA

Segundo apontamentos colhidos pela nossa brigada de repórteres-espiões, soubemos que o L. t esteve um pouco *arrufado* com a sua *cara metade*, durante as últimas férias. Mas ele que é um rapaz de visão, resolveu o problema da sua viuvez, estabelecendo amizade íntima com a *cunhada*. Donde se conclui que será mais seguro engatar miudas que tenham outras irmãs.

TERCEIRENSE

O H. F., que ultimamente não tem cortado o cabelo o qual se está a tornar loiro, resolveu fazer uma viagem à Terceira para se *engatar* com a menina *Mi Ne Ves*. Boa sorte.

VALENTÃO

Como todos sabem, o M. tem pretensões a ser um grande valentão... das dúzias. Pois aconteceu que há dias a exibição de força saiu-lhe um pouco cara, pois um quartanista aplicou-lhe uma *lamparina*, que lhe custou a perda de um rico dentinho que muito lhe prejudica a estética. Com a falta de dentistas que por cá se verifica, será esta uma solução?

???

—Qual é a quartanista que quando é interrogada faz uns olhos meigos.

—Qual o rapaz mais *peneirente* do 3.º ciclo?

—E a menina mais *peneirente* do 5.º Ano, mas que até o nome *mete água?*

N. R. - Todas as piadas desta página são pura ficção. Qualquer semelhança com casos reais é simples coincidência.